

DESCRIÇÃO DE DOIS ALÓTIPOS E ALGUMAS ANOTAÇÕES
MORFOLÓGICAS SOBRE ARANHAS BRASILEIRAS
(ARACHNIDA -- ARANEAE [*DYSDERIDAE*, *ARGIOPIDAE*,
SELENOPIDAE E *CLUBIONIDAE*])

p o r

HÉLIO F. DE ALMEIDA CAMARGO

I N T R O D U Ç Ã O

Prosseguindo nossos estudos sobre aranhas, descrevemos, aqui, os alótipos de *Ariadna crassipalpus* (BLACKWALL) e *Micrathena henseli* REIMOSER, e tecemos algumas anotações morfológicas sobre certas espécies as quais, até o presente, não eram suficientemente conhecidas. Como se verá no decorrer deste trabalho, tais anotações, ao lado dos respectivos desenhos, outro intuito não têm sinão aquele de, acrescentando algo ao que já fora escrito por outros, procurar trazer, ao estudioso, a possibilidade de uma determinação segura.

Ariadna crassipalpus (Blackwall)

(Fig. 3, h)

Dysdera crassipalpus BLACK., Ann. Mag. Nat. Hist., 1863, vol. XI (3.^a série): 43.

D. crassipalpus PETRUNKEVITCH, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1911, vol. XXIX: 132.

Ariadna crassipalpus MELLO-LEITÃO, Arq. Mus. Paran., 1947, vol. VI: 234.

♀ — Comprimento do cefalotórax : 5.135 (*)

Largura do cefalotórax : 3.116

Largura da frente : 2.231

Comprimento do abdômen : 5.489

Cefalotórax longo, regularmente convexo, de bordos laterais discretamente ondulados, se estreitando muito pouco ao nível das ancas I, frente truncada. Fosseta torácica rasa, pouco perceptível e sob a forma de um traço longitudinal, sulco torácico não muito pronunciado, visível apenas lateralmente. Toda a superfície do cefalotórax com minúsculas granulações, sobre as quais se vêem, na porção mediana da região cefálica, vários

(*) Todas as medidas em micra. Agradecemos ao Prof. Dr. BENEDICTO A. MONTEIRO SOARES, da Escola Nacional de Agronomia, e ao Dr. JOSÉ L. DE ARAUJO FEIO, naturalista do Museu Nacional, pelo auxílio bibliográfico que gentilmente nos prestaram durante a feitura deste.

grânulos maiores, arredondados; pêlos mais ou menos longos e irregularmente distribuídos, porém na zona anterior da região cefálica, eles são mais longos que os restantes. Seis olhos mais ou menos do mesmo tamanho, ocupando espaço mais estreito que a fronte, havendo dois medianos posteriores, juntos, e os quatro restantes, dispostos dois a dois ao lado dos primeiros, em ligeiro tubérculo. Dos olhos laterais, os O.L.P. formam com os O.M.P. —que deles se separam por uma distância pouco maior que o diâmetro— uma linha ligeiramente procurva, e os O.L.A. se orientam numa linha oblíqua à zona mediana do cefalotórax. Clípeo levemente arredondado, provido de inúmeros pêlos longos, e cerca de uma vez e meio mais largo que o diâmetro dos O.L.A.. Quelíceras robustas, cônicas, providas de pêlos muito longos (tão longos quanto aqueles das tíbias I), a maioria deles se implantando perpendicularmente à superfície, garra desenvolvida e bem curta; margens oblíquas, promargem com uma fileira de longas cerdas, quelícera esquerda com quatro dentes, sendo dois ímpares e um par, três deles pequenos e arredondados a igual distância um do outro e quase em linha (segundo um pouco desviado para dentro), e o quarto, que forma par com o último deles, muito pequeno e quase junto. Promargem da quelícera direita com três dentes, menos desenvolvidos que os da quelícera esquerda, o segundo, que é menor que os outros dois, bem mais próximo do primeiro que do terceiro, e mais voltado para dentro que o seu correspondente da outra quelícera (esquerda). Ambas as quelíceras tendo na retromargem, próximo à articulação da garra, um dente que, na quelícera direita é mais forte e arredondado que os demais da promargem, e, na quelícera esquerda, pouco menos robusto. Retromargem com poucas cerdas longas na sua porção inicial. Lâminas maxilares longas, muito pouco convergentes, dilatadas e convexas na base (onde se inserem os trocanteres), depois ligeiramente côncavas, fortemente comprimidas no bordo externo, dilatadas e pouco convexas na região final, bordo superior arredondado e com escópula bem desenvolvida, ocupando mais da metade interna, bordo externo reto e oblíquo, bordo interno de concavidade pouco perceptível e escópula de pequenos pêlos no terço terminal, toda a superfície das lâminas com abundantes e longos pêlos escuros. Lábio livre, muito mais longo que largo, de bordos paralelos, aproximadamente nos dois terços basais, e, no terço restante, pouco atenuados, ápice um tanto côncavo, ultrapassando a metade da altura das lâminas maxilares, todo ele revestido de pêlos idênticos àqueles das lâminas. Esterno nitidamente mais longo que largo (2.833 x 1.452), atenuado na porção anterior (ao nível da margem prolateral das pernas I) onde ultrapassa as ancas I, depois se arredonda ligeiramente e termina num bordo superior que mede 0.850 de largura, côncavo, porção final obtusa, sem se prolongar entre as ancas IV que distam, uma da outra, de 0.389, as porções laterais do esterno com uma série de zonas côncavas alternadas com outras arredondadas (cavidades cotiloides, de Simon), estas últimas para articulação com as ancas. Comprimento das pernas na ordem 2143. Pernas I mais robustas que as demais, fêmures I e II tendo, na região prolateral, uma concavidade rasa que ocupa, aproximadamente, os dois terços basais, o terço restante, convexo; no fêmur III, também prolateralmente, a porção côncava parece ser mais profunda e a convexa mais longa, fêmur IV de concavidade discreta, na porção retrolateral. Pernas I e II com pêlos muito longos e abundantes, no fêmur (com exceção da porção prolateral côncava, deles desprovida), patela e tibia, atingindo, neste último segmento, maior número e tamanho (mais de

um milímetro), a ponto de dificultar, bastante, a visão dos longos espinhos inferiores; a partir de, aproximadamente, o trecho médio basal do protarso, os pêlos diminuem de tamanho e número, se dispondo, na zona inferior do tarso, sob a forma de uma escópula não muito densa. Nas pernas III e IV os pêlos são, de uma maneira geral, mais curtos e menos abundantes que nas outras duas, formando na região terminal-inferior do protarso, e em toda a porção inferior do tarso, uma escópula não muito densa.

COMPRIMENTO DAS PERNAS (em micra)

Pernas	Fêmur	Patela + Tibia	Protarso	Tarso	Total
I	3.754	4.639	2.691	0.814	11.898
II	3.612	4.781	2.656	0.850	11.899
III	2.833	3.187	1.912	0.850	8.782
IV	3.400	4.002	2.125	0.779	10.306

QUETOTAXIA : Perna I. Fêmur — dorsal 0r-1r-1, prolateral 2-1, ventral e retrolateral, sem. Patela sem. Tibia — dorsal sem, prolateral 1-1d-1d, ventral 2-2-1-1 (esses dois ímpares são os maiores espinhos da região inferior da tibia) e 2 (apicais), retrolateral sem. Protarso — Apenas ventral 2 (longos)-2-0-0-1-1-2-1-1 (longos)-1-1-1-1-2-2. Perna II. Fêmur — dorsal 1 r-1r (muito pequenos) e 1, prolateral 1-1, ventral e retrolateral sem. Patela sem. Tibia — dorsal sem, prolateral 1-1-1, ventral 1-1-1-1-1 (todos longos e numa expansão da cutícula)-2 (apicais e pequenos), retrolateral sem. Protarso (direito) — ventral 2 (longos)-2 (pequenos)-2-1-1-1-1 (longo)-1-2 (pequenos)-2-1-1-1-1-1 (os dois últimos, apicais e de tamanho médio). Protarso (esquerdo) — ventral 2 (longos)-2 (pequenos)-2-2-1-1 (pequenos e do mesmo lado)-1-1 (longos)-1-1 (pequenos)-1-1-1-1-2 (apical). Perna III. Fêmur — dorsal 1r, prolateral 0-1. Patela sem. Tibia — dorsal sem, prolateral 1d-1d, ventral 1-1 (longo)-1 (apical e menor que o primeiro), retrolateral 1 (muito pequeno). Protarso — dorsal sem, prolateral 1-1-0-1 (o menor deles sendo o terceiro que está em nível abaixo daquele dos dois primeiros, e no mesmo nível que o último), ventral 1-0-1-2 (apicais), retrolateral 1-1 (pequenos). Perna IV. Apenas 1 cerda espiniforme no dorso do fêmur.

Tarsos com três unhas, sem tufo de pêlos, duas delas (o par) possuindo, inferiormente, dentes, e a unha ímpar desprovida deles. Esses dentes são em número de seis no tarso I, numa das unhas o último é quase imperceptível e na outra, apenas menor que os demais; tarso II também com seis dentes, sendo cinco do mesmo tamanho e o último, muito pouco notável; tarso III com cinco, o quinto bem menor e mais delgado que os outros quatro; tarso IV com quatro dentes, o segundo maior e pouco mais robusto que os outros três, e o quarto muito pequeno e bem mais delgado que os demais. Dois estigmas traqueais, cada um deles abaixo do estigma pulmonar e mais próximos, que estes, da fenda genital. Fiandeiras como em *Dysderidae*. Palpo com a patela, tibia e tarso com muito mais pêlos que o fêmur; na patela e tibia, os pêlos são mais longos que no tarso, onde, além de mais curtos e mais rígidos, são em maior quantidade que na patela e tibia, formando uma espécie de escópula. QUETOTAXIA DOS PALPOS: Patela — retrolateral 1. Tibia — retrolateral 2-2 (separados entre si por distância menor que os do primeiro par)-1-1 (todos pequenos). Tarso — ventral, verticilo apical de três espinhos, um deles menor que os outros dois, retrola-

teral 2 (pequenos)-2-1d-1-1d. Tarso com unha sem dentes. Tíbia (esquerda) — retrolateral 2-2-1-2 (o primeiro e o último par estão na mesma linha, e os espinhos estão separados por maior distância que aqueles do segundo par). Tarso (esquerdo) — retrolateral 2-2-2-2 (os espinhos do primeiro par são os menores, primeiro e segundo pares, na mesma linha, terceiro e quarto, idem, separados por espaço maior que aquele que separa, entre si, os espinhos do primeiro e segundo pares).

COLORIDO EM ÁLCOOL. Cefalotórax, de um modo geral, vermelho claro, ligeiramente mais escuro (Brazil red)* na região cefálica que na torácica (scarlet), esta última percorrida por raias mais escuras, que convergem para a fosseta torácica. Clípeo amarelado (capucine yellow). Quelíceras vermelhas, com brilho escurecido (victoria lake). Lâminas maxilares alaranjadas (orange chrome) e com o ângulo superior interno, esbranquiçado. Lábio com mais da metade basal escurecida, e a região terminal, bem como a maior parte da zona ventral e retrolateral das ancas I e II, de um tom pouco menos carregado que o das lâminas (orange rufous). Esterno com o bordo anterior e as saliências que servem para a articulação com as ancas, de colorido mais intenso (mars orange) que o das partes do parágrafo imediatamente anterior, o restante dele, manchado de pardacento (burnt sienna), com exceção de uma zona mediana, onde tais manchas são em número muito pequeno, quase inexistentes. Porção prolateral, apical ventral e estreita faixa mediana ventral das ancas I e II, pardacento escuro (mahogany red); ancas III e IV nitidamente mais descoradas que as duas anteriores. Pernas I e II muito mais escuras que III e IV, sendo que as duas primeiras apresentam, entre si, a mesma distribuição das cores nos vários segmentos. Perna I de colorido ligeiramente mais acentuado que perna II, de maneira que nos limitaremos a descrever apenas aquela, cuja porção prolateral do fêmur é escurecida e com brilho avermelhado (claret brown) na porção côncava e negra na convexa, porção retrolateral mais escura (bay), cortada por uma lista longitudinal, vermelho-claro (morocco red) que não atinge o ápice do segmento; a esta lista seguem-se mais duas, do mesmo colorido, dispostas entre a face dorsal e a retrolateral e separadas, uma da outra, por linhas muito delgadas e escurecidas. Patela, dorsalmente, de colorido idêntico àquele das listas mencionadas atrás, prolateral do mesmo colorido da tíbia, pardacento escuro com discreto brilho avermelhado (bay), metade terminal da porção retrolateral, vermelho pardacento, ventral idem, anel basal da tíbia, porção apical dorsal da mesma, pequeno anel basal do protarso, grande trecho final deste último (no protarso são escurecidas a maior parte da metade basal e pequena porção apical dorsal e lateral) e tarso, do mesmo colorido que o das listas do fêmur (morocco red). Colorido fundamental das pernas III e IV, amarelo, as primeiras —principalmente na face prolateral— um pouco mais escuras que as segundas. Fêmur da perna III, com a face retrolateral alaranjado-pardacento (xanthine orange), cortada por uma lista longitudinal alaranjado intenso (orange rufous) que atinge o ápice do segmento e se separa apenas por ligeiro traço mais escuro, de uma zona do mesmo colorido, situada entre a face retrolateral e a dorsal, face prolateral mais clara que a retrolateral, face dorsal, boa parte da retro-

(*) O colorido dos exemplares estudados foi comparado, o máximo possível, com as cores que figuram em ROBERT RIDGWAY (Color Standards and Color Nomenclature, III + 43 pp., with fifty-three colored plates and eleven hundred and fifteen named colors. Washington, D.C. 1912. Published by the author).

lateral e da ventral da patela, faixa retrolateral basal da tibia e uma outra, dorsal, do mesmo colorido (orange rufous) que as faixas do fêmur, e as regiões restantes escurecidas (mars orange), face retrolateral, pequena mancha dorso basal e boa parte do dorso do protarso, e todo o tarso, amarelo claro brilhante (deep chrome), as partes restantes com pontuações pardacento-claro. Perna IV com a região dorsal do fêmur amarelo-alaranjado (orange), bem como grande parte da face retrolateral e uma pequena lista longitudinal basal da face proteral que, assim como a ventral, é pardacenta com pontuações amareladas (orange rufous); pouco mais claro que o colorido da face proteral (xanthine orange) é a lista que se encontra entre a face dorsal e a retrolateral. Maior porção da patela, anel basal e face dorsal da tibia, alaranjado intenso (orange chrome), as faces proterais destes dois últimos segmentos e a ventral da tibia, mais claras (xanthine orange) que a respectiva do fêmur, face retrolateral da tibia, apenas sombreada de pardacento. Colorido geral do protarso e tarso, mais claro que o dos segmentos anteriores, e o tarso, por sua vez, mais claro ainda que o protarso (light orange yellow), este último com uma pequena porção basal e um trecho mais largo, terminal, amarelo carregado (entre orange e cadmium orange), a região intermediária com pontuações pardacento claro. Abdômen verde muito pálido, com reflexos amarelados (entre picric yellow e pale greenish yellow), tendo, no bordo anterior, uma mancha chocolate (cinnamon brown), de onde sai uma lista do mesmo colorido, mediana e dorsal que, aproximadamente pouco antes da metade do comprimento do abdômen, se divide em dois curtos ramos, descorados e não muito perceptíveis, aos quais se seguem uma série de quatro ou cinco pequenas manchas transversais, mais claras que a lista mediana, a forma das quais lembra a de um \wedge Fiandeiras amarelas, notando-se em torno da base delas, um colorido chocolate (cinnamon brown), o qual se prolonga de cada lado do ventre e em pequena extensão, apenas como uma sombra muito pouco visível. Porções laterais do epigástrio, amarelo-claro brilhante (apricot yellow), e a porção mediana com uma mancha mais comprida que larga, chocolate, interessando o bordo superior da fenda genital.

ALÓTIPO fêmea, nº E. 945 C. 1409, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, coligida pela Sra. HELGA URBAN, em Dezembro de 1949.

PROCEDÊNCIA: Bairro das Perdizes, Cidade de São Paulo, Brasil.

COMENTÁRIO. O presente exemplar é, ao que nos consta, o segundo conhecido. Na sua chave das espécies brasileiras do gênero *Ariadna* AUDOIN, 1825, MELLO-LEITÃO (1947 : 234) não traduziu, exatamente, o trecho da descrição original de BLACKWALL (1863 : 44), correspondente ao colorido do abdômen. Neste último autor se lê: "The abdomen is short, and of a dull olive-green hue;"; isto é, o abdômen é de colorido verde oliva apagado, insensível, com o que está de acordo o nosso exemplar, e não "oliváceo escuro" como quer MELLO-LEITÃO. Relativamente às faixas do abdomen, a tradução do saudoso aracnólogo patricio está incompleta. BLACKWALL escreve (: 44): ". . . . a large semicircular mark at its anterior extremity, from which a fusiform band, bifid at its termination. . . .", mas MELLO-LEITÃO omite, na sua chave, aquela "grande mancha semicircular da porção anterior" e se refere apenas a ". . . . uma faixa castanha no terço anterior, bifida no terço médio, . . .".

Micrathena henseli Reimoser

(Fig. 1, a e c. Fig. 2, a a f) (*)

Micrathena henseli REIMOSER, Ver. K.-K. zool.-bot. Ges. Wien, 1917, vol. LXVII: 121; MELLO-LEITÃO, An. Acad. Bras. Cienc., 1932, vol. IV (2): 85; idem, Arq. Inst. Biol., 1940, vol. 11: 241; idem Arq. Mus. Nac., 1943, vol. XXXVII: 189; idem, Rev. Mus. La Plata, n. s., Zool., 1945, vol. IV (N.º29): 219.

Acrosoma henseli MELLO-LEITÃO, Arq. Mus. Paran., 1947, vol. VI (6) : 239.

♂ — Comprimento do cefalotórax (do bordo anterior dos O.L.A. à porção posterior) : 2.700.

Largura do cefalotórax (entre os pontos onde se inicia a convexidade dos bordos) : 1.275.

Maior largura do cefalotórax : 1.650.

Largura entre os bordos laterais internos dos O.L.A. : 0.900.

Comprimento do abdômen : 3.262.

Largura do abdômen no bordo anterior : 0.975.

Largura do abdômen na sua porção média : 1.200.

Largura do abdômen (entre as bases laterais internas dos dois espinhos póstero-superiores) : 1.462.

Cefalotórax mais longo que largo, de região cefálica em nível mais elevado que a torácica. Esta última apresenta fosseta torácica bem desenvolvida, sulco discreto, superfície rugosa, principalmente na porção látero-inferior, onde existem abundantes e minúsculas granulações. De cada lado da região torácica, observa-se uma série de sulcos muito rasos, que não chegam a alcançar a região látero-inferior. Olhos em duas fileiras, a primeira ou anterior, muito mais recurva que a segunda, que é muito pouco, quase reta. O.M.A. pequenos, pouco maiores que os O.L.A., separados entre si de uma distância igual ao diâmetro, e dos O.L.A., de, aproximadamente, quatro vezes e meia. O.M.P. distanciados de meio diâmetro, maiores que os O.M.A., e separados dos O.L.P., que são menores que os O.L.A., por quatro diâmetros, mais ou menos. Quadrângulo mais longo que largo, mais estreito atrás que na frente. Clípeo retro oblíquo, uma e meia vez maior que o diâmetro dos O.M.A., desprovido de pêlos, presentes apenas em pequena extensão da região cefálica, pequenos, finos e brancos; no restante do cefalotórax, eles são muito curtos, quase imperceptíveis. Quelíceras curtas, com bossa, muito robustas, de forma aproximadamente cônica, com uma forte dilatação na base da região látero-externa, pouquíssimos pêlos, longos, quase que restritos a essa última porção e às margens do sulco oblíquo, garra medianamente robusta, curta, não ultrapassando, ou ultrapassando em pouca coisa, o sulco oblíquo na altura do quarto dente da retromargem, que tem quatro dentes, separados um do outro por menos da largura, o terceiro

(*) As convenções usadas nos desenhos, indicam as seguintes peças:

A = Apófise maior	EM = Êmbolo
B = Apófise menor	ES = Estipe
T = Tíbia	FN = Fundus
AM = Apófise mediana	PC = Pecíolo
AP = Apófise paramediana	RA = Radix
AT = Apófise terminal	RE = Reservatório
CO = Condutor	ST = Sub-tegulum
DJ = Ducto-ejaculador	TG = Tegulum

sendo pouco mais largo e mais alto que os restantes, o quarto é o menor, promargem com três dentes, os dois primeiros, aproximadamente pouco maiores que os da retromargem, e o último é o menor. Lâminas maxilares ligeiramente inclinadas, com a metade interna basal, côncava, e a terminal, reta, com abundante escópula também existente em mínima porção limítrofe do bordo superior com aquele que é discretamente arredondado; bordo lateral externo, em sua maior parte, muito pouco arredondado, com exceção da porção basal (articulação do trocanter do palpo) onde se dilata levemente mais. Superfície dorsal das lâminas com alguns pêlos mais ou menos longos, e uma concavidade rasa, na metade superior. Lábio tão largo quanto longo, de lados arredondados e ápice não pontiagudo, alcançando a metade da altura das lâminas maxilares. Esterno mais longo que largo (1.162 x 0.675), truncado na frente, começando a se estreitar na altura das ancas II e III, e se intrometendo, em ponta, entre as ancas IV, que se distanciam, uma da outra, de 0.112. Superfície do esterno com inúmeras rugosidades e vários pêlos, regularmente longos, de implantação oblíqua. Comprimento das pernas na ordem 2143, as pernas I e II —maximé as ancas, trocânteres e fêmures— visivelmente mais robustas que III e IV. Pernas com pêlos muito finos e em pequena quantidade, nos fêmures; nas tíbias, protarsos e tarsos, eles são em quantidade e espessura pouco maiores que naquele segmento, nas tíbias, os pêlos são menos espessos que nos dois últimos, isto é, protarsos e tarsos, onde a espessura se mantém uniforme. Tricobótrias apenas nas tíbias, não mais que três.

COMPRIMENTO DAS PERNAS (em micra)

<i>Pernas</i>	<i>Fêmur</i>	<i>Patela + Tibia</i>	<i>Protarso</i>	<i>Tarso</i>	<i>Total</i>
I	2.625	2.550	2.025	0.712	7.912
II	2.550	2.625	2.100	0.711	7.986
III	1.425	1.200	0.862	0.487	3.974
IV	2.700	2.175	1.950	0.637	7.462

QUETOTAXIA : Perna I. Fêmur — dorsal 1-1-1 (grandes)-1 (pequeno, apical e um tanto curvo), prolateral 0 (pequeno)-1-0-1-1-1 (esses três, longos)-1 (apical e pequeno), ventral 1-1-1-1-1-0-1-1-2 (apicais, sendo 1p e 1r), na perna direita, os espinhos 2 a 5 estão mais próximos de formar par que os correspondentes da perna esquerda, retrolateral 0d-1d-1d. Patela — dorsal sem, prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1. Tibia — dorsal 1 (na metade distal), prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1-1 (apical), na perna esquerda o espinho prolateral e o primeiro retrolateral, estão quase que diametralmente opostos. Protarso sem espinhos. Perna II. Fêmur — dorsal 1-1-1 (longos)-1 (pequeno apical), prolateral 1-1-1-1 (menor deles), ventral (esquerdo) 1-1-1-1 (estes dois quase formando par)-1-1-2 (sendo 1p e 1r) e (direito) 1-1-1-1-2 (sendo 1p e 1r) os espinhos da porção ventral do fêmur direito, ocupando menor extensão desse segmento, retrolateral 1d-1d-1d. Patela — dorsal sem, prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1. Tibia — dorsal 1, prolateral sem, ventral 1p-0p-1p, retrolateral 1-1 (pequeno e apical). Protarso sem. Perna III. Fêmur — dorsal 1-0-1 (apical), prolateral 1-0-1, ventral 0, retrolateral 1. Patela — dorsal sem, prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1. Tibia — dorsal 1, prolateral 1 (apical), ventral sem, retrolateral 1 (apical), esses dois espinhos na mesma altura do segmento. Protarso — dorsal 1, prolateral, ventral e retrolateral sem. Perna IV.

Fêmur — dorsal 1-1-1-1-1 (menor de todos, e apical) sendo que entre os dois primeiros e os três últimos espinhos, há, os separando, um espaço correspondente, mais ou menos, a duas e meia vez a distância entre eles, prolateral 1-1-1-1-1, ventral 0 (menor)-1 (maior)-1, os dois primeiros quase formando par, retrolateral 1 (apical). Patela — dorsal sem, prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1. Tibia — dorsal sem, prolateral 1-1-1, ventral sem, retrolateral 0-1. Protarso — dorsal 1-1p, prolateral, ventral e retrolateral sem. Tarsos com três unhas, a ímpar desprovida de dentes. Abdômen nitidamente mais longo que largo, com oito espinhos, sendo dois minúsculos, dorsais (representados, no desenho, por dois pequenos círculos), situado cada um deles na terceira mancha branca, e a uma distância do bordo cranial do abdômen igual a 1.087, e, posteriormente, seis, dispostos aos pares, um superior, um inferior e o último, minúsculo, ventral, disposto cada um dos seus espinhos na porção lateral interna basal do espinho inferior correspondente; os espinhos do par superior são menos desenvolvidos e menores que os do par inferior, e formam com o bordo caudal do abdômen, um ângulo pouco maior que noventa graus, os espinhos inferiores, de base arredondada, se implantam na porção inicial inferior do bordo caudal, quase que perpendicularmente. O dorso do abdômen, visto de perfil, é, em pequena porção inicial —até a altura do primeiro par de minúsculos espinhos— muito ligeiramente convexo, quase plano, torna-se, após, discretamente côncavo, e, no seu terço final, convexo mais pronunciado que na porção inicial. Os pêlos, no dorso do abdômen, são perceptíveis apenas no terço final, onde são em pequena quantidade, não muito longos e deitados; no ventre, nota-se número bem maior deles. Fiandeiras como em *Argiopidae*, cólulo presente.

PALPO : Fêmur : 0.450. Patela + Tibia : 0.337. Fêmur pouco curvo, patela com um único pêlo, longo, dorsal, tibia mais larga que longa, cymbium* de base larga, afinando-se, porém, na altura da base do tegulum e terminando, mais ou menos, na região média deste, paracymbium curto, excavado inferiormente, com a sua porção basal, estreita, e a final, larga, aproximadamente mais larga que o comprimento dele, com o seu ângulo externo bem mais robusto que o ângulo interno, que forma um ângulo com a margem interna da porção basal. Subtegulum bem desenvolvido, tegulum com uma calosidade na porção lateral, conforme se poderá ver nos desenhos. Fundus na altura da metade inferior do subtegulum; porção inicial do reservatório, logo ao penetrar na altura do tegulum, fazendo uma curva, que depois se inflete, passa a correr junto ao bordo inferior deste, até a altura da região do tegulum situada inferiormente à zona onde o estipe e o radix estão muito próximos um do outro, quando o reservatório, ao atingir a porção lateral, faz uma curva suave para dentro, abandona a altura do bordo do tegulum e passa a correr na porção média, atinge a altura da região superior, a partir daí, se superpõe, num pequeno trecho, àquela porção do reservatório imediatamente após a inflexão da curva, afina bruscamente o seu diâmetro —que vinha sendo mais ou menos uniforme— na altura da porção lateral da apófise mediana, e passa a ser o ducto ejaculador, que mergulha num pequeno trecho da hematódoca distal, se inflete, protegido pelo radix faz duas curvas, uma, pequena e de concavidade supe-

(*) Nomenclatura das diferentes peças do bulbo genital, de acôrdo com a adotada por J. H. COMSTOCK (Ann. Ent. Soc. Am., Sept. 1910, vol. III, n.º 3 : 161 — 185, 25 figs..)

rior, a outra, tomando três quartos, aproximadamente, do radix, de concavidade inferior.' Saindo da altura do radix, o ducto ejaculador sofre outra inflexão, penetra no estipe e, em seguida, no êmbolo, que é do tipo coniforme, situado num plano ligeiramente inferior a este último. No seu trajeto, o diâmetro do ducto ejaculador, bem menor que o do reservatório, não se mantém constante, sendo muito fino ao penetrar na hematódoca distal —na altura da apófise mediana— e no estipe e êmbolo, e um pouco maior no trecho em que corre protegido pelo radix. Apófise mediana ligada ao radix que, sob a forma de uma placa, protege quase que toda a região ventral inferior do bulbo genital e se prende, apenas por um ponto, ao tegulum. Articulando-se com o radix, está o estipe, peça membranosa, bem mais comprida que longa, como se poderá ver no desenho. O início do condutor é quitinoso, segue-se, após um estrangulamento, uma porção membranosa e, em plano inferior à sua porção terminal, outra porção quitinosa.

COLORIDO EM ÁLCOOL. Região torácica do cefalotórax com duas largas faixas pardacentas (amber brown), laterais, longitudinais, respeitando, inferiormente, uma fita amarela-rufescente clara (orange), e, atrás da fosseta torácica, u'a mancha, mais comprida que larga, pardacenta clara (mars yellow), região cefálica e clipeo, de colorido idêntico ao da faixa lateral inferior da região torácica. Porção dorso basal da quelícera, côr de cobre (morocco red) e o restante, negro brilhante com algum reflexo avermelhado. Lâminas maxilares e lábio pardo escuros (argus brown), mais claros que o colorido geral da quelícera, esterno, por sua vez, mais claro (burnt sienna) que as lâminas e o lábio. Fêmures I e II mais intensamente coloridos que os fêmures III e IV, o fêmur I, rufescente alaranjado (entre orange chrome e orange rufous) e o fêmur II, alaranjado (cadmium orange), patela e tibia I e II, fêmur, patela e tibia III e IV, amarelo pálido com ligeiríssimo brilho esverdeado (empire yellow) e com zonas mal definidas, pouco escuras, base das tíbias com anel claro, protarsos e tarsos I e II e tarsos III e IV, amarelo ouro (entre cadmium yellow e deep chrome), na base dos protarsos e tarsos de todas as pernas, um anel claro; protarso III com a metade terminal pouco mais escura que a basal, mais clara, contudo, que o tarso, protarso IV apenas com um pequeno anel apical amarelo ouro, o restante desse segmento, amarelo pálido (empire yellow). Colorido fundamental do dorso do abdômen, pardacento claro (raw sienna), com zonas mais escuras no bordo anterior, na porção média, terminal, e bordos laterais internos dos espinhos póstero-superiores. Oito pares de manchas brancas, laterais, o quinto par formado de manchas mais altas que as demais, quase que se unindo à do lado oposto, no sexto, sétimo e oitavo pares, as manchas são pouco evidentes. Exceção feita da porção média do epigástrico, que é amarela com discreto brilho pardacento (entre dresden brown e buckthorn brown), o restante do ventre é bem mais escuro, com algumas pontuações amarelas.

ALÓTIPO macho, nº E. 246 C. 1410, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, coligido por FREDERICO LANE, em 4 de abril de 1942.

PROCEDÊNCIA: Bosque da Saúde, cidade de São Paulo, Brasil.

COMENTARIOS. O exame de mais dois exemplares dessa espécie, ambos machos (E. 241 C. 1411, F. LANE col. em Bosque da Saúde, cidade de São Paulo, Brasil, em 22-III-1942 e E. 946 C. 1412, H. URBAN col. em Cocaia, Represa Nova de Sto. Amaro, São Paulo, Brasil, em abril de

1950), mostrou pequena variação no colorido do abdômen e das patelas, tíbias, protarsos e tarsos das pernas I e II. No segundo daqueles exemplares, os espinhos dorsais do abdômen são quase que inexistentes.

*
* *

O Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo tem em sua coleção de aracnídeos, trinta e dois exemplares fêmeas desta espécie, todos eles provenientes, como se verá na lista abaixo, do Estado de São Paulo, Brasil. A descrição suficientemente precisa que REIMOSER nos legou, bem como as figuras que a acompanham, possibilitam, ao especialista, uma determinação segura de *M. henseli*. Há, porém, uma variação no ângulo de abertura dos espinhos posteriores do abdômen, o superior, maior, e o inferior, menor. De todas as fêmeas examinadas, a maioria delas, adultas, e mesmo nos jovens, apenas um exemplar apresentou um ângulo semelhante àquele figurado por REIMOSER, em perfil. Nas restantes, essa abertura é bem menor, havendo também variação na forma e tamanho dos mencionados espinhos. Tudo o que dissemos atrás, poderá ser melhor apreciado nas figuras que ilustram este trabalho (Fig. 1, letras *c*, *d*, *f* a *q*).

Fêmeas de *M. henseli* examinadas

E. 241 (8 ♀ ♀) — Bosque da Saúde, S. P. (Capital), F. LANE col. em 22-III-1942.

E. 246 (5 ♀ ♀) — Bosque da Saúde, S. P. (Capital), F. LANE col. em 4-IV-1942.

E. 263 (3 ♀ ♀) — São Paulo (Capital), J. DAMICO col. em 26-IV-1942.

E. 271 (4 ♀ ♀) — Carvalho de Araujo (E. F. Central do Brasil), E. S. Paulo, A. ZOPPEI col. em 3-V-1942.

E. 946 (11 ♀ ♀) — Cocaia (Repr. Nova Sto. Amaro), E. S. Paulo, H. URBAN col. em abril de 1950.

1 ♀ — Itaim (E. F. Central do Brasil), E. S. Paulo, W. BOKERMANN col. em 7-V-1950.

*
* *

SOBRE O TIPO DE *Micrathena* SUNDEVALL, 1833. Nossa designação (1950 : 244) de *Micrathena cornigera* (CAMBR., 1890) como tipo de *Micrathena*, não encontra apoio nas Regras Internacionais de Nomenclatura. Contudo, um novo exame do assunto nos convenceu que *M. clypeata* (C. KOCH), escolhida por SIMON (1895 : 859) como tipo do gênero, não pode ser mantida como tal, pelos motivos que passamos a expôr. Em 1833, SUNDEVALL creou o novo gênero *Micrathena* para duas espécies: *Epeira clypeata* WALCK., 1805 e *Aranea spinosa* LINEU, 1758. Acontece, porém, que *E. clypeata* WALCK., foi publicada sem diagnose alguma. C. KOCH, em 1838, descreveu, sob o nome de *M. clypeata*, aquela espécie que WALCKENAER nomeara de *E. clypeata*. Foi justamente, *M. clypeata* C. KOCH, 1838, que SIMON designou para tipo do gênero *Micrathena*. Ora, *M. clypeata* C. KOCH, não era uma das espécies incluídas, originariamente, no gênero, e *E. clypeata* WALCK., publicada como foi, é *nomina nuda*.

Assim sendo, si, das duas espécies originais do gênero, uma é *nomina nuda*, e a outra (*A. spinosa*) é válida, o gênero é monotípico e, portanto, o seu tipo não poderá ser outra espécie, senão esta única, isto é, *A. spinosa* (= *M. spinosa* [L.]). Resumindo, temos:

MICRATHENA Sundevall, 1833

Micrathena SUNDEVALL, 1833 (Abril?), Consp.-Arach.: 14.

TIPO: *Micrathena spinosa* (LINEU, 1758).

PSEUDÓTIPO: *Micrathena clypeata* (C. KOCH).

Selenops Cocheleti Simon

(Fig. 3, a a g)

Selenops Cocheleti SIMON, Act. Soc. Linn. Bordeaux, 1880, vol. XXXIV (Quatrième serie), tome IV: 235; PETRUNKEVITCH, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1911, vol. XXIX: 509; MELLO-LEITÃO, Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., 1918, vol. II (1-2): 29 e 31; idem, Arq. Inst. Biol., 1940, vol. 11: 243; idem, Rev. Mus. La Plata, n.s. (Zool. 16), 1942, vol. II: 387; idem, Arq. Mus. Nac., 1943, vol. XXXVII: 215; idem, Notas del Mus. La Plata, 1946, vol. XI (Zool. n.º 91): 47.

Transcrevemos a diagnose original da espécie, uma vez que a revista onde ela foi publicada, não é de fácil encontro. "17. *Selenops Cocheleti* sp. nov.

♂) Céph. th., long. 5,5; larg. 6,4 — Pattes: 1re. paire 25,8; 2e paire 30,2; 3e paire 28; 4e paire 26,5. Céphalothorax brun-rouge à pubescence fauve assez longue et mêlée de crins, à strie longitudinale et rayonnantes profondes. — Yeux: antérieurs: les quatre médians gros, égaux, en ligne presque droite, intervalle des médians un peu plus étroit que leur diamètre, celui des latéraux plus étroit que leur rayon; yeux latéraux antérieurs petits, presque arrondis, situés un peu plus bas que les médians, leur intervalle aux médians environ égal au diamètre de ceux-ci. Yeux de la seconde ligne au moins aussi gros que les médians antérieurs. Chélicères brun-rouge garnies de forts crins fauves inégaux. Pièces buccales et plastron brun-fauve pubescent; pièce labiale un peu plus longue que large, arrondie en avant. Pattes brunâtre fauve, garnies de pubescence et de longs crins fauve; tibia I et IV un peu plus longs que le céphalothorax; tibia IV sans épines dorsales, pourvu de 2-2 épines latérales et de 2-2 épines inférieures; fémur I pourvu de deux épines très espacées sur sa face antérieure et de trois très longues épines dorsales; scopulas peu serrées formées de poils longs. Patte-mâchoire brun-fauve; patella plus longue que large, presque parallèle et inerme; tibia plus long que la patella, plus étroit, parallèle, pourvu à l'extrémité de deux apophyses noires, une externe dirigée en avant, un peu arquée, robuste, non atténuée et obtuse, concave et peu rebordée en dedans, et une apophyse inférieure un peu plus courte, également arquée et dirigée en avant mais comprimée; tarse ovale, court, assez large; bulbe discoïde avec un rebord rougeâtre et une lame médiane arquée en demi-cercle. ♀) Céph. th., long. 5,5; larg. 6,3 — Abd. long. 8; larg. 5,8. Pattes: 1re paire 20,3; 2e paire 22,8 (1re 3e paire manque); 4e paire 21. Céphalothorax un peu plus court que fémur I mais un peu plus long que tibia IV. Abdomen très déprimé, assez large, presque parallèle, arrondi en avant et en arrière, fauve obscur finement et peu densément ponctué de brun, marqué en avant d'une bande médiane obscure peu indiquée et en arrière d'une bordure brune ponctuée; ventre testacé (Epigyne non développée). Paraguay (Muséum, rapporté par M. Cochelet). Voisin de *S. SPRIXI* Perty, il en

diffère par les yeux latéraux antérieurs presque arrondis, tandis qu'ils sont ovales très plus étroit et plus long, son apophyse externe est de même forme, mais le tibia présente aussi une apophyse inférieure presque aussi longue, tandis que, chez *S. SPIXI*, il n'offre en dessous qu'une forte carène oblique et tranchante."

PALPO : Quanto às duas apófises da tibia do macho, nós nos abstermos de descrevê-las, uma vez que já foram estudadas por SIMON, na sua diagnose, acima transcrita, e MELLO-LEITÃO (1918 : 32). Bulbo genital bem protegido pelo cymbium, amplo e profundo, com a porção inferior de um dos seus bordos laterais, muito reforçada e com uma calosidade. Paracymbium ausente. Subtegulum com, aproximadamente, seis "anneli" bem visíveis, tegulum atingindo sua largura máxima na porção caudal da apófise terminal, depois, ao nível da apófise mediana, sofre uma constrição e prossegue, com a sua largura maior que a do trecho inicial, conforme se poderá ver pelos desenhos anexos, até articular-se com o estipe. Desde o nível da porção anterior da apófise mediana, até a articulação com o estipe, observa-se uma expansão, para dentro, do bordo superior do tegulum. Radix ausente. Estipe com a porção basal dilatada, articulando-se, de um lado com a porção inicial do tegulum, e, de outro, com a final do mesmo, a porção distal mais comprida que longa, mais ou menos cilíndrica, com exceção de um ligeiro trecho, que precede imediatamente ao êmbolo, e que é achatado lateralmente. O êmbolo, ligeiramente curvo, de concavidade voltada para baixo, também sofre o mesmo achatamento, e forma um ângulo com a porção final do estipe. A apófise terminal tem duas partes : uma quitinosa e outra membranosa. A primeira é a maior, e sua zona superior tem a forma da cabeça de uma ave com o respectivo rostro tipo palmípede; inferiormente, essa zona superior tem uma espécie de canal por onde deve correr o êmbolo na ocasião da cópula. A porção membranosa é bem desenvolvida, e serve de apoio ao êmbolo. Fundus protegido pela porção inicial do tegulum, reservatório de diâmetro desenvolvido, uniforme, correndo na altura da porção basal do tegulum, trajeto do ducto ejaculador, como se vê no desenho correspondente. Apófise mediana com a sua maior porção, larga, e o ápice, mais fino e ligeiramente curvo, formando pequena saliência.

MACHO nº E. 947 C. 1413 no Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo, coligido por MÁRIO AUTUORI, em Fevereiro de 1949.

PROCEDÊNCIA : Santo Amaro, Est. de São Paulo, Brasil.

Corinna capito (Lucas)

(Fig. 4, a a g)

Drassus capito LUCAS, Expéd. part. centr. Amérique du Sud... (Francis de Castelnau), 1857, vol. III (animaux sans vertèbres) : 22, pl. I (Arachnides), figs. 8, 8 a, 8 b e 8 c.

Corinna capito SIMON, Hist. Nat. Araignées, 1897, vol. II : fig. 174; PETRUNKEVITCH, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1911, vol. XXIX : 465; MELLO-LEITÃO, Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., 1922 (1923), vol. VI (1. 2) : 52 e 54 (chave); idem, Arq. Mus. Paran., 1947, vol. VI : 288.

LUCAS descreve o macho e, no final, aborda, em duas linhas, os caracteres que diferenciam a fêmea. Figura, contudo, apenas a fêmea, a disposição dos olhos e o comprimento relativo das suas pernas. A diagno-

se de LUCAS é omissa em vários pontos, de maneira que, uma determinação precisa só foi possível com a ajuda dos trabalhos de SIMON (1897) e MELLO-LEITÃO (1922). SIMON estuda *C. capito*, ligeiramente, ao fazer um balanço das espécies do gênero, e reproduz a figura 8 da diagnose original da espécie. MELLO-LEITÃO descreve um exemplar fêmea, coligido por ele em Petrópolis (Est. do Rio, Brasil), e o situa, páginas adiante, na sua chave para determinação das espécies brasileiras do gênero *Corinna* C. KOCH. De posse de dois indivíduos adultos de *C. capito*, um macho (E. 949 C. 1415), e outro fêmea (E. 948 C. 1414), ambos depositados na coleção de aracnídeos deste Departamento de Zoologia, e apanhados pela Sra. HELGA URBAN, no alto do bairro das Perdizes (cidade de São Paulo, Brasil), em 11 de junho e fevereiro de 1950, respectivamente, procuramos caracterizar melhor a espécie, estudando alguns pormenores que, ou não haviam sido ainda analisados, ou, em caso afirmativo, apenas muito pela rama.

♀

Comprimento do cefalotórax : 6.000*

Largura do cefalotórax (na altura da porção lateral externa das quelíceras) : 4.500.

Maior largura do cefalotórax (altura das ancas II) : 5.000.

Comprimento do abdômen : 6.000.

Largura do abdômen (tomada no ventre, na região epigástrica) : 3.000.

Comprimento do esterno : 2.962.

Largura do esterno : 2.325.

Distância entre as ancas IV : 0.337.

QUETOTAXIA : Perna I. Fêmur — dorsal 1 cerda espiniforme, prolateral 1, ventral e retrolateral sem. Patela — sem espinhos. Tíbia — apenas ventral onde temos 0 cerda espiniforme longa-1-1 c.e. longa-1. Protarso — apenas ventral 1-1 (quase formando par)-1-1. Perna II. Fêmur — dorsal 1 c.e., prolateral 0, ventral e retrolateral sem. Patela — sem. Tíbia — apenas ventral 1-1 cerdas espiniformes. Protarso — apenas ventral 1-1-1-1. Perna III. Fêmur — dorsal 1 c.e.-1 (apical), prolateral, ventral e retrolateral sem. Patela — sem. Tíbia — dorsal sem, prolateral 1 c.e., ventral 2-2 (sendo 1 e 0) cerdas espiniformes. Protarso — dorsal sem, prolateral 1, ventral 2 cerdas espiniformes -1-1-0 (apical). Perna IV. Fêmur — dorsal 1 c.e.-1, prolateral, ventral e retrolateral sem. Patela sem. Tíbia — dorsal sem, prolateral idem, ventral 1-1 cerdas espiniformes, retrolateral 1-1 cerdas espiniformes. Protarso — dorsal sem, prolateral 1, ventral 1-1 cerdas espiniformes -1-1 (no protarso esquerdo, 2)-1 (apical), retrolateral 1.

DENTIÇÃO : Retromargem das quelíceras com cinco dentes, aproximadamente molariformes, de ápice discretamente arredondado, o quinto sendo mais robusto que os outros, promargem com três, também molariformes, o segundo — aproximadamente tão robusto quanto o quinto da retromargem — sendo bem maior que os outros dois, e o terceiro sendo o

(*) As medidas do cefalotórax e do abdômen, na fêmea e no macho, foram tomadas com auxílio de compasso.

menor deles, separado do segundo de uma distância pouco menor que a sua largura, e situado na porção vertical da quelícera.

MEDIDAS DO PALPO :

Comprimento do fêmur : 2.250.
 " da patela + tibia : 2.400.
 " do tarso : 2.137.
 Total : 6.787.

QUETOTAXIA DO PALPO: Fêmur — dorsal 2 (pequenos e apicais), prolateral 0d (pequeno), ventral varias cerdas longas, retrolateral sem. Patela — dorsal 1 cerda espiniforme *p*. Tibia — dorsal sem, prolateral 1-0-1d-1d cerdas espiniformes, ventral sem, retrolateral 0d cerda espiniforme. Tarso — dorsal sem, prolateral 1 c.e.-1 c.e.dorsal-0 c.e.dorsal, ventral 1 c.e. (apical).

PERNAS : Tanto na fêmea como no macho, todos os fêmures com pêlos muito curtos e de implantação oblíqua, em pequena quantidade, principalmente existentes na superfície dorsal; superfície ventral com alguns pêlos longos, implantados perpendicularmente, dispostos numa ou duas séries longitudinais, com exceção da perna IV, onde eles são praticamente ausentes. Nos demais segmentos de todas as pernas, há associação de pêlos longos, uns de implantação perpendicular, outros de implantação oblíqua, com pêlos curtos, e oblíquos, mas todos esses pêlos são em pequena quantidade. Escópula da superfície ventral do tarso I, muitíssimo reduzida, quase ausente; no tarso II ela se restringe à metade final e nos tarsos III e IV, é bem desenvolvida, ocupando toda a extensão da superfície. Escópula dos protarsos I e II, bem desenvolvida, restrita apenas a quase toda a superfície ventral do segmento — faz exceção, pequeníssimo trecho basal, dela desprovido — ao passo que, nos protarsos III e IV, a escópula está presente somente no terço ventral, final, avançando para as superfícies prolateral e retrolateral.

♂

Comprimento do cefalotórax : 6.500.
 Largura do cefalotórax (altura das margens laterais das quelíceras) : 4.500.
 Maior largura do cefalotórax (altura das ancas II) : quase 5.500.
 Comprimento do abdômen : 6.000.
 Largura do abdômen (tomada no ventre, na altura da região epigástrica) : 3.000.
 Comprimento do esterno : 3.187.
 Largura do esterno : 2.400.
 Distância entrè as ancas IV : 0.375.

QUETOTAXIA: Perna I. Fêmur — Idêntico ao da fêmea. Patela — Idem. Tibia (direita) — dorsal sem, prolateral 1v, ventral 1 cerda espiniforme-1cerd.espinif., retrolateral sem. Tibia (esquerda) — ventral 1 c.e. — 1 -1 c.e. — 1. Protarso — Idêntico ao da fêmea. Perna II. Fêmur — dorsal 1 c.e., prolateral 0 c.e., restante, ventral e retrolateral idênticos à fêmea. Patela — Idêntica à da fêmea. Tibia — Idem. Protarso (direito) — Idem. Protarso (esquerdo) — 1-1-1-1-1.

Perna III. Fêmur (direito) — dorsal 1-1 cerdas espiniformes, o resto idêntico à fêmea. Fêmur (esquerdo) — dorsal 1-1-1p-1, tôdas cerdas espiniformes, o restante idêntico à fêmea. Patela — Idêntica à da fêmea. Tíbia — dorsal sem, prolateral (direita) — Idêntica à da fêmea, (esquerda) sem cerdas espiniformes, ventral 1-1-1-1 cerdas espiniformes, retrolateral (direita) — 1-1 cerdas espiniformes. Protarso — dorsal sem, prolateral 1, ventral 1-1 cerdas espiniformes -1-1-1 (apical, oculto no meio da escópula), retrolateral 1. Perna IV. Fêmur — dorsal 1 c.e.-0 c.e. o restante idêntico à fêmea. Patela — Idêntica à da fêmea. Tíbia — dorsal e prolateral idem da fêmea, ventral e retrolateral idem. Protarso — como no protarso direito da fêmea.

DENTIÇÃO: Promargem da quelícera com três dentes triangulares, que guardam a mesma distância entre si e se dispõem de modo idêntico àqueles da promargem da quelícera da fêmea, o segundo é o maior dêles, aproximadamente tão longo e robusto quanto o quinto da retromargem, o menor é o terceiro. Retromargem com cinco dentes triangulares, muito difíceis de serem observados sem que a quelícera seja destacada do animal, pois, além de terem o mesmo colorido escuro daquela, são, em grande parte, ocultos pela escópula, bastante desenvolvida, das lâminas maxilares. Esses cinco dentes são igualmente distanciados por um espaço muito pequeno, o quinto é mais robusto que os outros quatro, os quais têm o mesmo desenvolvimento.

TÍBIA DO PALPO: LUCAS, ao descrever a tíbia do palpo do macho, diz que ela possui, *inferiormente*, (*) no seu bordo látero-externo, um "crochet allongé et assez fortement recourbé" (êle se refere, aqui, à apófise superior, maior, e omite qualquer referência à apófise inferior, bem menor). Ora, a localização exata da citada apófise, conforme se poderá ver nos desenhos anexos, é na porção superior da tíbia, ou melhor, como diz SIMON (1897: 194), que descreve concisa e precisamente essas apófises, elas são "apicales externes". A margem externa da maior apófise, logo em seguida à menor apófise, se arredonda e, depois, passa a correr paralelamente à margem interna dela. Na porção ventral da maior apófise, nota-se como que uma goteira, formada pelo rebatimento, no plano ventral, do revestimento dorsal da citada apófise.

MEDIDAS DO PALPO: Comprimento do fêmur: 2.587. Patela + Tíbia: 2.175.

QUETOTAXIA DO PALPO: Fêmur — dorsal 2 (pequenos e apicais) e ventral — inúmeras cerdas mais ou menos longas.

BULBO GENITAL: Cymbium com pequeno tubérculo num dos lados da sua porção ventro-basal, alvéolo muito desenvolvido, ocupando mais da metade da região ventral do cymbium, subtegulum incompleto, isto é, não protegendo a porção basal do bulbo genital em toda a sua volta, mas apenas uma parte, como se vê no respectivo desenho. Tegulum existente na região dorsal e numa das porções laterais do bulbo. Na primeira, o tegulum é muito quitinizado e convexo, e, na segunda — do lado onde se situa a origem do reservatório — êle é menos quitinizado. Fundus com a forma de uma retorta, trajeto do reservatório e ducto ejaculador, no bulbo genital, como se vê no desenho, apófise mediana, cuja forma imita, grosseiramente, a do dedo indicador humano, situada

(*) O grifo é nosso.

na porção superior do bulbo, próxima a uma das inserções da apófise terminal e se articulando com o tegulum. Radix ausente, estipe de forma triangular, com a base voltada para o tegulum, êmbolo — que está em continuação ao estipe — longo e muito fino, em sua maior parte alojado numa espécie de canaleta da porção membranosa da apófise terminal; a extremidade final do êmbolo, também se aloja numa pequena depressão da porção afilada, quitinosa, da apófise terminal, porção esta que o protege, fazendo as vezes de condutor o qual, nesta espécie e no seu verdadeiro sentido, é inexistente.

DIMORFISMO : Como se vê, linhas atrás, o macho, além de ter comprimento total e largura máxima do cefalotórax, maiores que o correspondente, na fêmea, ainda se diferencia desta pelas maiores dimensões do esterno, maior afastamento das ancas IV, e forma dos dentes. Quer parecer-nos, contudo, que o macho se distingue da fêmea também por outros caracteres, a saber : no macho, a promargem da quelícera tem muitos pêlos longos, rufescentes, ausentes na fêmea; no macho, a porção supero interna das lâminas maxilares tem escópula constituída de abundantes pêlos longos, ao passo que, na fêmea, os pêlos são muito curtos; no macho, a garra da quelícera é mais longa que a da fêmea, ultrapassando, ligeiramente, quando em repouso, o quinto dente da retromargem, enquanto que, na fêmea, ela alcança o nível do quinto dente da retromargem. Além da diferença de comprimento, a garra do macho ainda se distingue daquela da fêmea, por ter a extremidade final aguçada, e na fêmea, dita extremidade é mais robusta, não aguçada, mas sim arredondada. Quanto ao colorido, não há diferença apreciável entre macho e fêmea. Em ambos, o dorso do abdômen é fusco-arroxeadado uniforme (no material tipo, segundo se lê em LUCAS, êle é “d’un noir rougeâtre brillant”), como na fêmea descrita por MELLO-LEITÃO. O ventre é mais claro no macho que na fêmea, e as duas faixas laterais do mesmo, são esbranquiçadas no macho e amarelas na fêmea. A porção anterior do dorso do abdômen do macho é recoberta por um pequeno escudo, ausente na fêmea.

COMPRIMENTO DAS PERNAS (em micra)

♂						♀					
Pernas	Fêmur	Patela + Tibia	Protarso	Tarso	Total	Pernas	Fêmur	Patela + Tibia	Protarso	Tarso	Total
I	5.625	6.900	4.012	2.137	18.674	I	4.650	5.887	3.375	1.912	15.824
II	4.762	6.000	3.712	1.875	16.349	II	4.237	5.325	3.337	1.725	14.624
III	4.087	4.612	3.337	1.462	13.498	III	3.750	4.275	3.112	1.425	12.562
IV	5.137	6.112	4.800	1.537	17.586	IV	4.650	5.887	4.312	1.575	16.424

O macho, portanto, tem pernas mais longas que as da fêmea. Na fêmea mantém-se a relação IV, I, II e III do gênero *Corinna*, o mesmo não sucedendo com o macho, onde a perna IV é ligeiramente menor que

I. O exame das tabelas de comprimento das pernas de cinco espécies de *Corinna* (*), cada uma destas representadas pelo macho e fêmea respectiva, nos mostrou apenas um caso (*C. nitens* [KEYS., 1891]), semelhante ao nosso, ou seja, a perna IV menor que a perna I, e o fêmur e a patela + tibia IV, do macho, também menores que os correspondentes da perna I. Isto talvez signifique um caráter de dimorfismo sexual em *C. capito*, cujos machos teriam I, IV, II e III, e as fêmeas IV, I, II e III, sendo que, nos machos, o fêmur e a patela + tibia IV, são menores que aqueles da perna I, e na fêmea esses mesmos segmentos IV, são iguais ou maiores que em I. Apenas com o fito de alertar os estudiosos, queremos aproveitar a oportunidade para fazer algumas considerações sobre o comprimento das pernas no gênero *Corinna*. A observação de vinte e sete (**) tabelas de medidas do comprimento das pernas, nos mostrou que, com exceção do macho de *C. bonneti* CAPORIACCO, o protarso da perna IV é sempre maior que o protarso da perna I, tanto nos machos como nas fêmeas, atingindo essa diferença a quase três milímetros (2,9 mms.) no macho de *C. apophysaria* CAP., por exemplo. Os outros segmentos da perna IV variam, em dimensões, relativamente àqueles da perna I, sendo ora maiores, ora menores, ora iguais. Seria mais um característico a se acrescentar aos do gênero *Corinna*, onde a perna IV seria, quase sempre, maior que I, e o protarso IV, especialmente, maior que o protarso I. Quanto ao comprimento das pernas II e III, o exame das vinte e sete tabelas de medidas das pernas (***) mostrou que, com exceção de *C. tridentina* MELLO-LEITÃO, a perna II é sempre maior que III. Esta espécie, a julgar pela sua resumida descrição, parece, de fato, pertencer ao gênero *Corinna*. Talvez, por mero equívoco, tenha havido uma transposição, isto é, as medidas das pernas II colocadas na linha reservada às da perna III e vice-versa.

Para SIMON (1897: 192), *Corinna capito*, juntamente com *C. rubripes* C. KOCH, 1842, *C. loricata* BERTKAU, 1880 e *C. nitens* (KEYS.,

(*) *C. bonneti* CAP., 1947, *C. apophysaria* CAP., 1947, *C. humilis* (KEYS., 1887), *C. nitens* (KEYS., 1891) e *C. pennata* CAP., 1947.

(**) *C. abnormis* PETRUNK., 1930 (♂), *C. bulbosa* CAMBR., 1899 (♀) (in PETRUNKOVITCH, 1925 Trans. Conn. Acad. Arts. and Sciences. vol. 27: 157), *C. cleonei* PETRUNK., 1926 (♀), *C. guanicæ* PETRUNK., 1930 (♂ jov.), *C. jayuyee* PETRUNK., 1930 (♀), *C. luteomaculata* PETRUNK., 1925 (♀), *C. wheeleri* PETRUNK., 1930 (♂), *C. annamæ* GERTSCH e DAVIS, 1940 (♂), *C. bonneti* CAP., 1947 (♂ e ♀), *C. apophysaria* CAP., 1947 (♂ e ♀), *C. flavipes* (KEYS., 1891) (♂), *C. gracilipes* (KEYS., 1887) (♀), *C. humilis* (KEYS., 1887) (♂ e ♀), *C. nitens* (KEYS., 1891) (♂ e ♀), *C. parva* (KEYS., 1891) (♀), *C. pennata* CAP., 1947 (♂ e ♀), *C. spinifera* (KEYS., 1887) (♀), *C. vitiosa* (KEYS., 1891) (♀), *C. vertebrata* M. L., 1939 (♀) (= *C. stigmatica* SIMON, 1897), *C. pennicillata* M. L., 1939 (♂), *C. travassosi* M. L., 1939 (♀) e *C. tridentina* M. L., 1937 (♀). As tabelas, consultadas, de medidas do comprimento das pernas das espécies de CAPORIACCO, são as constantes do seu trabalho publicado em Proc. Zool. Soc., 1948, vol. 118, part. III: 674, 675 e 676.

(***) Com exceção de *C. annamæ* (os autores dão apenas as medidas das pernas I e IV) e o acréscimo de *C. botucatensis* (KEYS., 1891) (♀), as tabelas examinadas são as mesmas das espécies já nomeadas na nota (**). Deixam de ser analisadas as demais espécies do gênero, ou por carência bibliográfica, ou pela ausência, nas descrições, das medidas que nos interessavam. Essas ausências são freqüentes nas descrições de SIMON, N. BANKS e E. BRYANT. CAMBRIDGE se limita a anotar, relativamente às medidas dos comprimentos das pernas, as dimensões da patela tibia I, III e IV e protarso IV — às vezes, protarso I — e BERTKAU somente se refere ao comprimento total de cada perna.

1891), "ne porte que 4 dents contigües". A afirmação de SIMON, parece-nos, é baseada apenas no exame do casal que serviu para LUCAS descrever a sua nova espécie. Os exemplares, ora estudados, mostram como pode haver uma variação no número de dentes da retromargem da quelícera. O mesmo sucede com *C. loricata*, cujo tipo, por exemplo, conforme se lê na descrição original (1880: 52), tem, na margem inferior, "...5 gleich starken Zähnen...". A distribuição geográfica de *Corinna capito*, até hoje só notificada no Brasil, passa a ser a seguinte: Proximidades do Rio de Janeiro (CASTELNAU, 1857), Petrópolis (Estado do Rio, MELLO-LEITÃO, 1922), Curitiba e Volta Grande (Estado do Paraná, MELLO-LEITÃO, 1947) e cidade de São Paulo (Estado de São Paulo).

*
* *
*

Castaneira varia Keyserling

(Fig. 5, a a g)

Castaneira varia KEYSERLING, Spinnen Amerikas (Brasilianische Spinnen), 1891: 69, pl. II, figs. 38 e 38 a; PETRUNKEVITCH, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1911, vol. XXIX: 456; MELLO-LEITÃO, Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., 1922, vol. VI (1-2): 44 e 47; idem, Rev. Mus. Paul., 1927, vol. XV: 398; idem, Arch. Mus. Nac., 1943, vol. XXXVII: 218.

Abstração feita do bulbo genital, que MELLO-LEITÃO (1922: 44) se limita a assinalar ser "muito grande e de estrutura muito complicada", o palpo do alótipo macho desta espécie é descrito, por esse autor, sumariamente. Das duas apófises da tibia do palpo, a inferior ou menor, parece ser formada por duas porções, isto é, uma lâmina quitinizada, superior, e outra porção maior, como que membranosa, inferior, com uma ligeira canaleta ventro apicalmente e ultrapassando, em comprimento, muito pouco, à lâmina quitinizada. Essa apófise inferior forma, com a apófise superior da tibia, um ângulo aproximadamente reto. A apófise superior, além de ser muito maior e truncada, como já o acentou MELLO-LEITÃO (1922: 44), possui, na sua metade final, ventral, dois tubérculos, dos quais o segundo é bem maior que o primeiro. Esses tubérculos são bem visíveis quando a dita apófise é examinada de perfil, conforme se verá no desenho correspondente. Na descrição original, lê-se que a fêmea possui, na porção dorsal anterior do abdômen, uma placa oval, extremamente pequena. No macho, dita placa é maior, ocupando, aproximadamente, a metade daquela região. Retromargem da quelícera com dois dentes, separados um do outro de uma e meia vez, mais ou menos, a largura do primeiro, que é um pouco mais robusto que o segundo; promargem com três dentes, dos quais o segundo, de forma triangular, é o maior de todos os dentes da quelícera, e o terceiro, muito pequeno, é o menor deles.

Exemplar macho n.º E. 126 C. 1416, na coleção de aracnídeos do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, JOÃO DAMICO colecionou em Dezembro de 1941.

PROCEDÊNCIA: Vila Ema, São Paulo (Capital), Brasil.

*
* *
*

Julgamos caber aqui um apêlo aos aracnólogos, no sentido de procurarem ilustrar os seus trabalhos com desenhos do bulbo genital dos

machos, dissecados, e as peças que o formam, relacionadas e nomeadas. Até o momento, os sistematas, em sua grande maioria, têm se limitado a dar um simples desenho daquela estrutura, tal qual ela se apresenta no animal, isto é, sem dissecá-la, visando apenas a separação da forma em estudo. Mesmo assim, êsses desenhos, sem dúvida que grosseiros, pois que nos possibilitam somente uma visão de conjunto, têm constituído, quando corretamente executados, um precioso auxiliar na diagnose das espécies. Esta comodidade que nos permite, com pequeno esforço, obter o resultado almejado, é, a nosso ver, a grande responsável pelo absoluto descaso com que os sistematas têm tratado, nos seus trabalhos, da estrutura do órgão copulador dos machos. Temos nos guiado, até aqui, por um imediatismo muito prejudicial, que nos leva a pôr de lado, como desnecessário, tudo o que é mais complexo e demorado, em proveito do que é mais rápido e mais simples. Êsse procedimento, convenhamos, não é científico. Desenhar, como vimos fazendo, um bulbo genital fechado, sem nos esforçarmos por conhecer quais as peças que estão em nossa presença, quais as variações que sofreram, como se relacionam entre si, é contribuir para o atraso da aracnologia. É desenhar um conjunto de pequenas estruturas que o próprio autor não sabe o que significam. Forçoso se nos parece, portanto, que estudemos, minuciosamente, a morfologia do órgão copulador masculino das aranhas. E, publicando os nossos trabalhos, com os respectivos desenhos — onde as várias peças se achem denominadas — tenhamos a oportunidade de não só expor as conclusões, como também aquela de receber críticas construtivas. Somente assim, acreditamos, é que estaremos contribuindo, realmente, para o progresso de um importantíssimo capítulo da aracnologia. Se os aracnólogos do mundo todo, que se dedicam à sistemática, se compenetrassem das vantagens dêsse procedimento, fácil será avaliarmos das numerosas e valiosíssimas observações sobre a estrutura do bulbo genital dos machos, que ficaríamos conhecendo. Não nos faltam, para orientarem nossos trabalhos, algumas contribuições morfológicas relativas àquele órgão (HARM, SZOMBATHY, OSTERLOH, GERHARDT, EWING, BACELAR, COMSTOCK, etc.). Resta-nos, apenas, aplicar êsses ensinamentos à caracterização das espécies que estudamos. O que — repetindo — ainda é muito pouco praticado na sistemática aracnológica.

A B S T R A C T

Under the title "Description of two alotypes and a few morphological annotations on brasilian spiders (Arachnida — Araneae (*Dysderidae*, *Argiopidae*, *Selenopidae* and *Clubionidae*)), the author describes tre alotypes of *Ariadna crassipalpus* (BLACKWALL) and *Micrathena henseli* REIMOSER, and studies a few morphological characters of *Selenops Cocheleti* SIMON, *Corinna capito* (LUCAS) and *Castaneira varia* KEYSERLING, with the intention of making them better known. For the description of the alotypes, he frequently uses ROBERT RIDGWAY's color album, to give a better presentation of color diversity. After describing the alotype of *M. henseli*, some observation is made on size and structural variation of the abdominal spines — the superior one larger, and the immediately inferior one smaller — as well as the angle variation between them in the females of the species. The anterior type designation of the author for the genus *Micrathena*, is corrected. The author concludes that *M. clypeata* C. KOCH, cannot be maintained as the type of *Micrathena*, and that the true type should be *M. spinosa* (LINEU, 1758). A transcription is given of the original diagnosis of male and female of *Selenops Cocheleti*, on account of

the rarity of the volume that contains the description. In sequence, the genital bulb is described, based on dissection. In relation to *Corinna capito*, and based on both sexes, collected in São Paulo, Brazil, body measures, chetotaxy, palp measurements, and mandible dentition are given. The superior and inferior apophyses of the palp tibia of the male is described, with an observation on Luca's incorrect description on their localisation. The genital bulb of *C. capito* was also dissected and is described. The author establishes a comparison between female and male characters, and adds other dimorphic structures. After giving leg measures in both sexes, he concludes, based on his own table numbers, and information from five other charts of species of *Corinna*, also based on both sexes, that in the male of *C. capito*, the legs follow the order I, IV, II and III, and the femur and patella + tibia IV, are smaller than those of the first leg, whereas in the female the legs are in order IV, I, II and III, and the same segments IV are equal or larger than that of leg I. Based on the information of 27 charts of leg measurements of species of *Corinna*, collected from various authors, he tries to establish the order IV, I, II and III, and the predominance of length of protarso IV, in relation to protarso I. A little observation on the size of legs II and III on *Corinna*, is made. Finally the study of *C. capito* is completed with some comment on Simon's opinion in relation to the number of teeth of the inferior margin of the mandible, and the geographical distribution of this species, restricted up to now to Brazil, is given. A study of the apophysis of the male palp tibia of *Castaneira varia* is made, together with a description of the mandible dentition. The paper is illustrated with 45 figures and all specimens studied come from Brazil. The author also stresses the importance of bulb dissection for the correlation of structures and their nomenclature. He is of the opinion that the custom still followed by most contemporary authors of drawing the bulb in a closed aspect, without the examination of internal structure has largely contributed to delay the advancement of arachnological systematics.

B I B L I O G R A F I A

- BERTKAU, Dr. PH., 1880, Verzeichniss der von Prof. Ed. van Beneden auf seiner Reise nach Brasilien und La Plata I. J. 1872 — 75 Gesammelten Arachniden. Mémoires couronnés et Mémoires des savants étrangers, publiés par l'Acad. R. Sc. Belgique, vol. XLIII: 1 — 120, pl. I — II, 41 figs..
- BLACKWALL, J., 1863, Descriptions of newly discovered Spiders captured in Rio de Janeiro by John Gray, Esq., and the Rev. Hamlet Clark. Ann. Mag. Nat. Hist., vol. XI (third series): 29 — 45.
- CAMARGO, HÉLIO F. DE ALMEIDA, 1950, Contribuição ao Estudo das Aranhas Brasileiras (Arachnida — Araneae) Três Espécies Novas e Uma Pouco Conhecida. Pap. Av. Dep. Zool., vol. IX (15): 223 — 248, 4 est., 22 figs..
- MELLO-LEITÃO, 1918, Drassoideas do Brasil. Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., vol. II (1-2): 17 — 74, 43 figs..
- MELLO-LEITÃO, 1922, Novas Clubionidas do Brasil. Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., vol. VI (1-2): 17 — 56.
- MELLO-LEITÃO, C. DE, 1947, Aranhas do Paraná e Santa Catarina, Das Coleções do Museu Paranaense. Arq. Mus. Paranaense, vol. VI: 231 — 304, ests. XXXIII-XLII, 54 figs..
- SIMON, EUGÈNE, 1892 — 1895, Histoire Naturelle des Araignées, Deuxième Édition, Tome Premier, VII + 1084 pgs., 1098 figs.. Librairie Encyclopédique de Roret, ed.. Paris.
- SIMON, EUGÈNE, 1897 — 1903, Histoire Naturelle des Araignées, Deuxième Édition, Tome Second, 1080 pgs., 1122 figs.. Encyclopédie Roret, L. Mulo, Libraire — Éditeur. Paris.

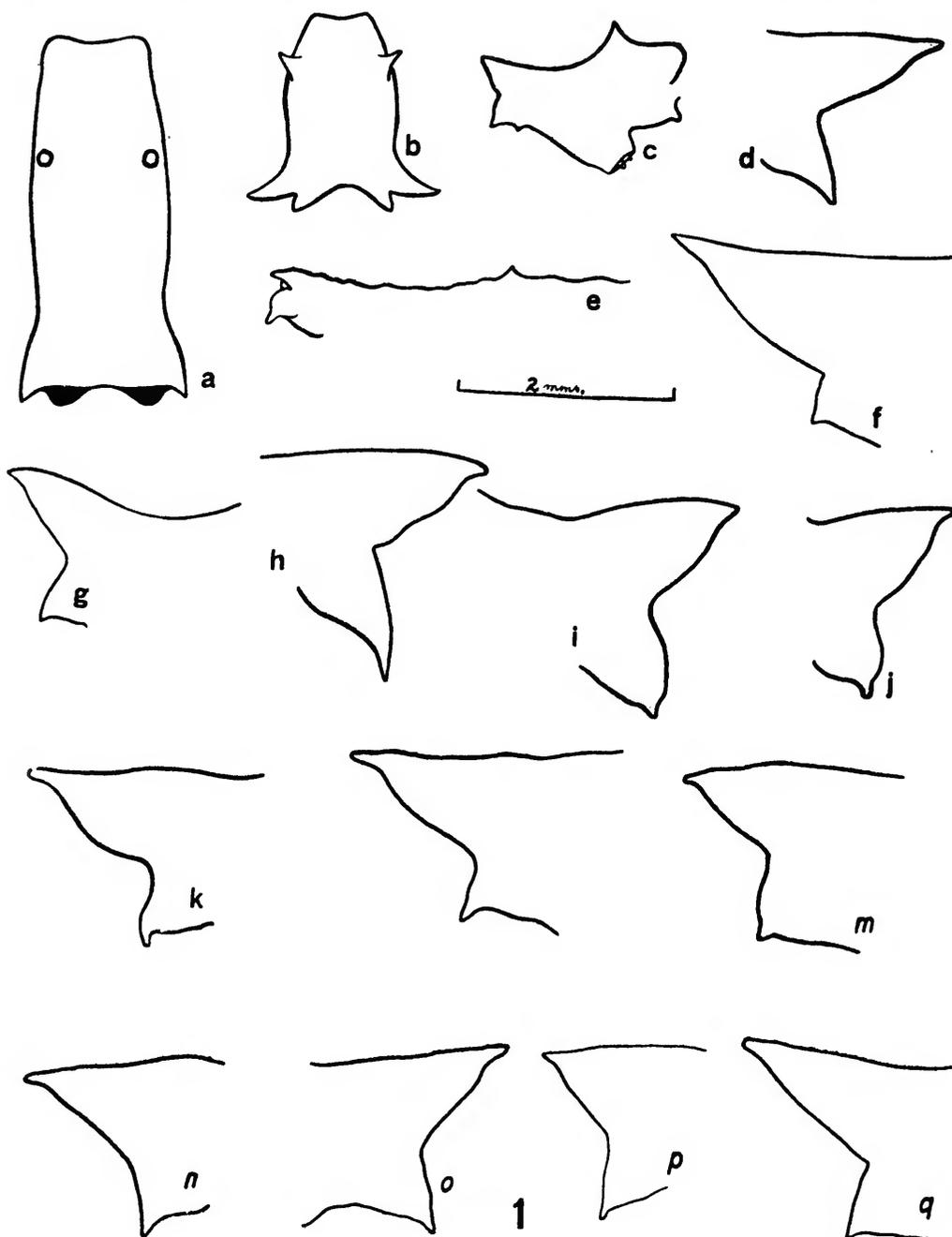


Figura 1

- a) Vista dorsal do abdômen de *M. henseli* (♂); b) Vista dorsal do abdômen de *M. henseli* (♀) (apud REIMOSER, op. cit., taf. VII, fig 19); c) Perfil do abdômen de *M. henseli* (♀) (apud REIMOSER, idem); d a q) Perfil dos espinhos superior e inferior (maior), posteriores, do abdômen das ♀♀ de *M. henseli*, afim de mostrar, entre eles, a variação de tamanho, forma e ângulo.

d, f, g, h = E. 246
 i, j, k, l = E. 241
 m, q = E. 263
 n, o, p = E. 271

e) Perfil do abdômen de *M. henseli* (♂). Com exceção de b e c, todos os desenhos na mesma escala.

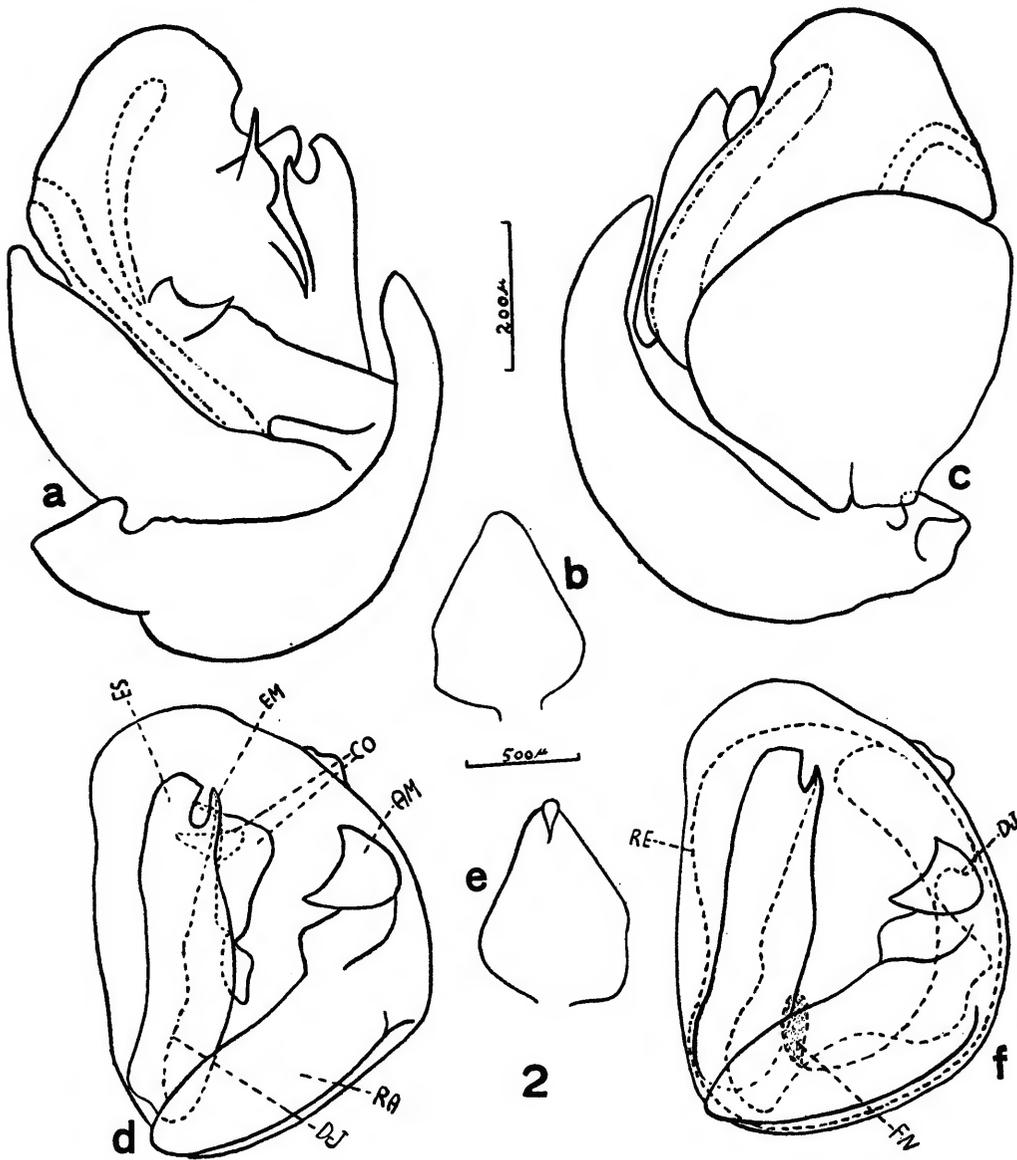


Figura 2

- a) Vista ventral do bulbo genital de *M. henseli*; b) Vista dorsal da quelícera de *M. henseli* (δ); c) Vista dorsal do bulbo genital de *M. henseli*; d) Vista ventral do bulbo genital de *M. henseli*, porém dissecado. Sub-tegulum não representado; e) Vista ventral da quelícera de *M. henseli* (δ); f) Vista ventral do bulbo genital de *M. henseli*, dissecado, evidenciando a posição do *fundus* e o trajeto do *reservatório* e *ducto ejaculador* (vide descrição). Para maior clareza, deixam de ser figurados o condutor e o sub-tegulum.

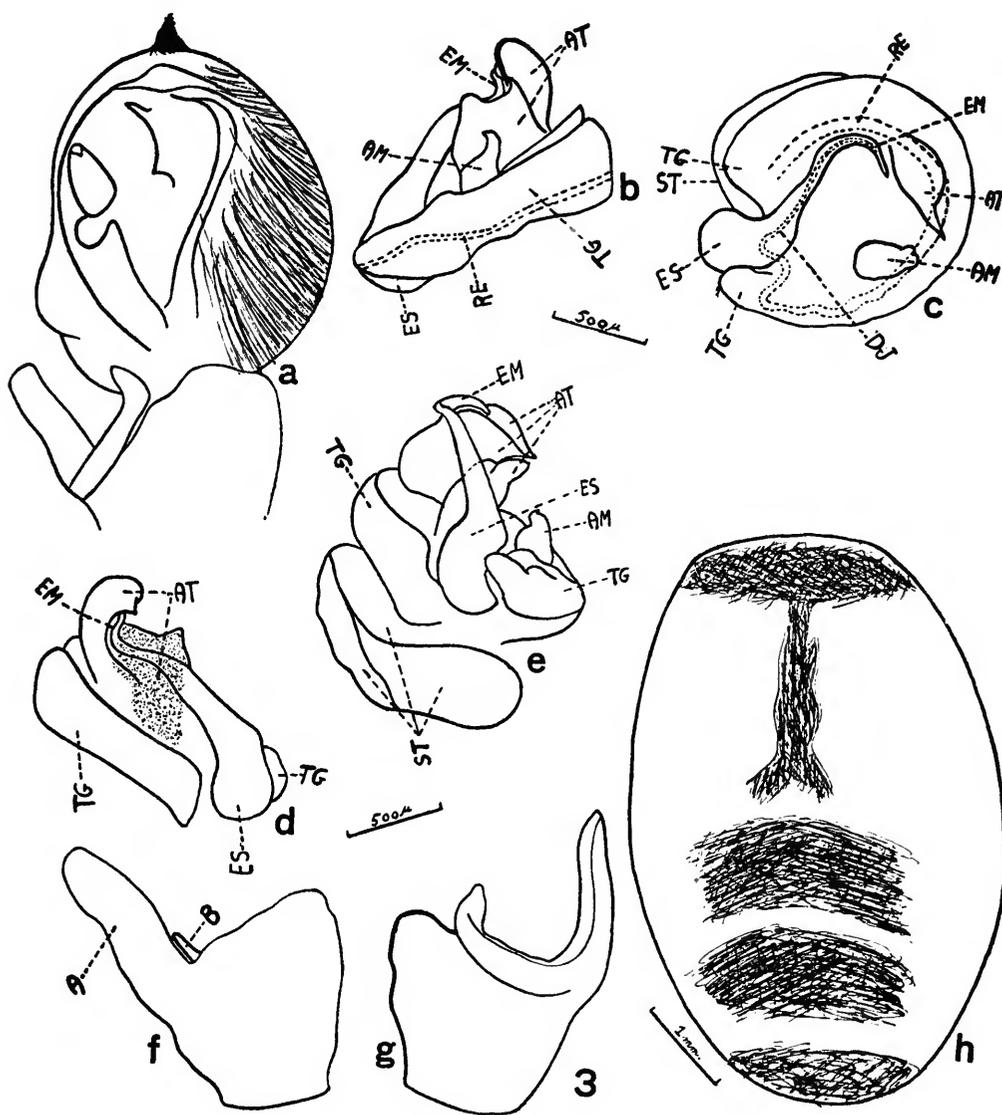


Figura 3

- a) Vista ventral do bulbo genital de *S. Cocheleti*; b) Detalhe do tegulum e subdivisão embólica do bulbo genital, dissecado, de *S. Cocheleti*; c) Bulbo genital de *S. Cocheleti*, dissecado, visto por cima, mostrando o trajeto do reservatório e ducto ejaculador; d) Idem b, porém ventral; e) Vista ventral do bulbo genital de *S. Cocheleti*, porém dissecado; f) Vista dorsal da tíbia do palpo do ♂ de *S. Cocheleti*, evidenciando as duas apófises, a maior e a menor; g) Idem, porém vista ventral; h) Dorso do abdômen de *A. crassipalpus* (♀), para mostrar a disposição das faixas (vide descrição).

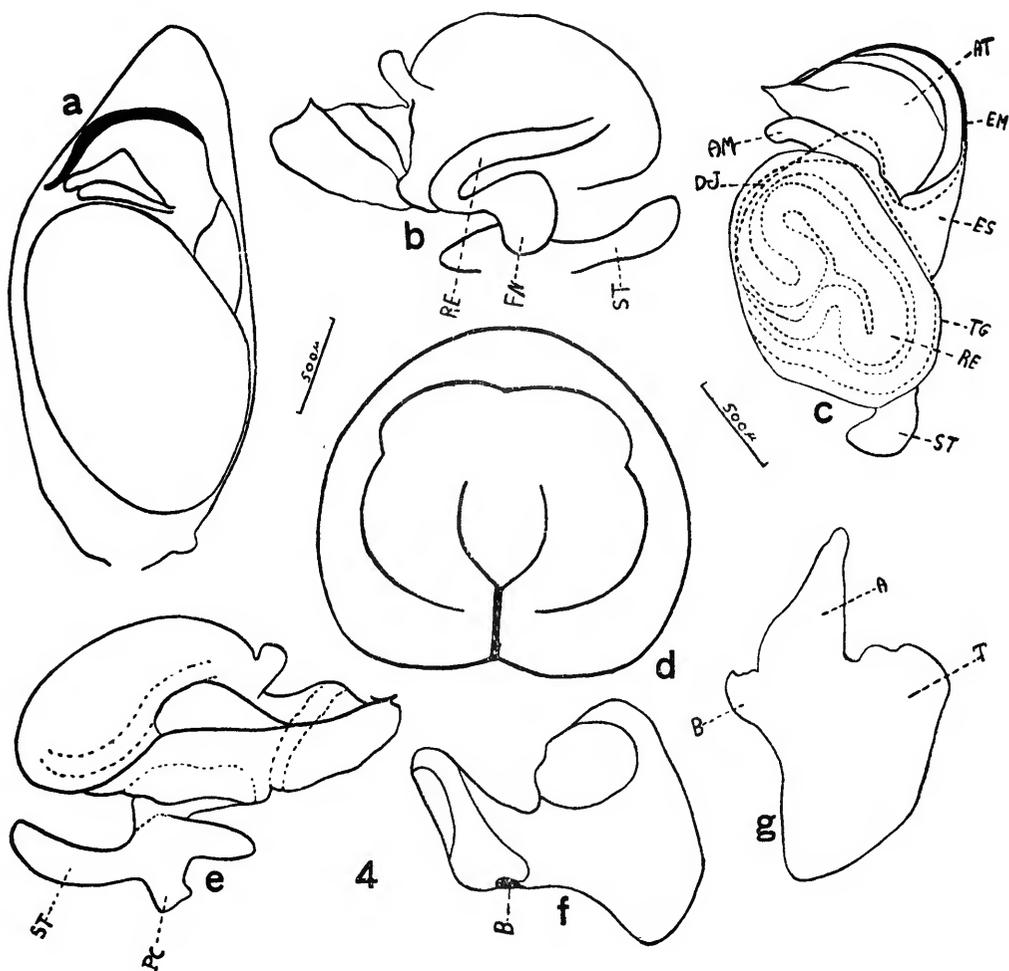


Figura 4

- a) Vista ventral do bulbo genital de *C. capito*; b) Vista lateral do bulbo genital de *C. capito*, dissecado, mostrando a localização e a forma do *fundus* e o início do *reservatório*. Hematódoea basal bastante afastada para permitir boa visão do *fundus*; c) Vista ventral do bulbo genital de *C. capito*, dissecado. Embolo, consequentemente, um tanto afastado de sua posição normal (vide descrição). Subtegulum representado apenas em parte; d) Epigino de *C. capito*; e) Vista lateral do bulbo genital de *C. capito* para mostrar o sub-tegulum que não é completo; f) Vista ventral da tíbia do palpo do ♂ de *C. capito*, evidenciando as suas duas apófises, a maior e a menor, que, nesta posição é vista com dificuldade (vide descrição); g) Vista látero-ventral-interna da tíbia do palpo do ♂ de *C. capito*, para mostrar a menor apófise, bem visível nesta posição. Exceção feita de d, todos os demais desenhos na mesma escala.

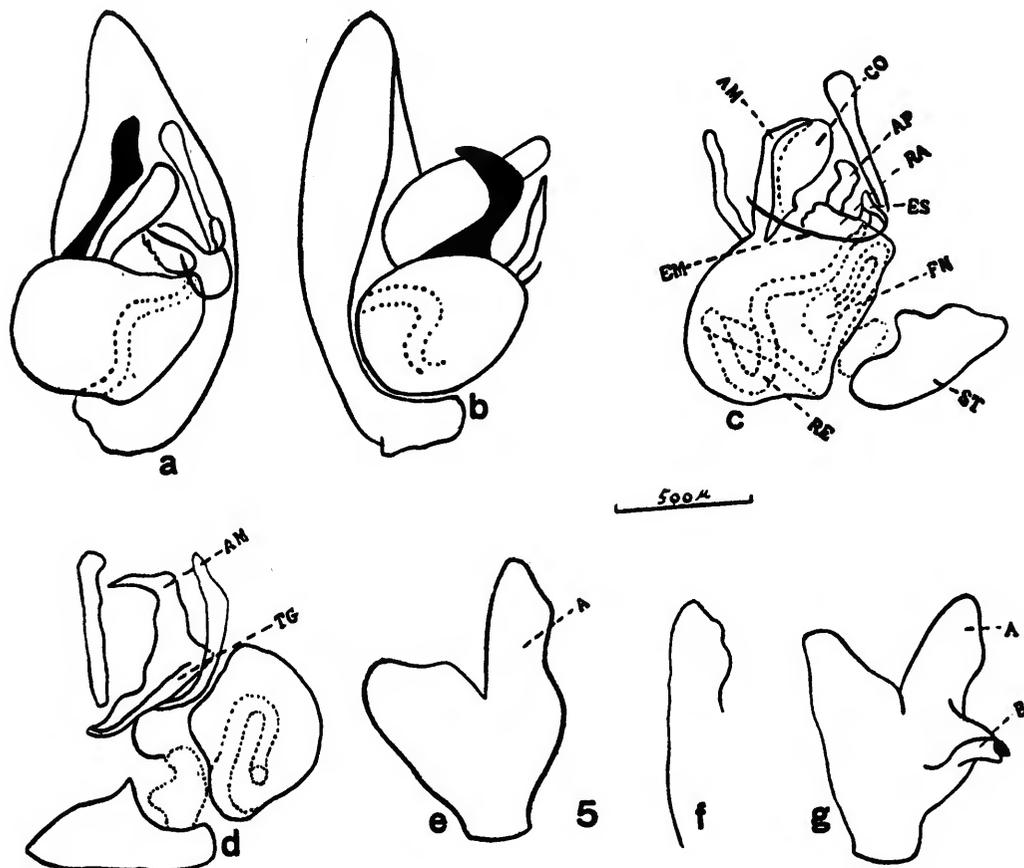


Figura 5

- a) Vista ventral do bulbo genital de *C. varia*; b) Idem, vista lateral; c) Vista ventral do bulbo genital de *C. varia*, porém dissecado; d) Idem, vista dorsal; e) Vista ventral da tibia do palpo do ♂ de *C. varia*. Apenas se vê a apófise maior; a menor deixa de ser representada; f) Perfil da apófise maior da tibia do palpo do ♂ de *C. varia*, mostrando os seus dois tubérculos ventrais; g) Apófises superior e inferior da tibia do palpo do ♂ de *C. varia* (vide descrição).

